



# **A** CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira

Manuel Ferro

Coordenação

Sílvio Castro

*Universidade de Padova*

## CAMÕES E ANTI-CAMÕES EM «A MÁQUINA DO MUNDO» DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A questão em foco

### 1. Síntese

Imediatamente após o episódio da «Ilha dos Amores», a tópica de origem clássica da «Máquina do mundo»<sup>1</sup> encontra no Canto X de *Os Lusíadas* tradução de particular importância para a compreensão de muitos dos problemas suscitados pela estrutura do poema e pela particular personalidade cultural do poeta. Os muitos endereços dados por Camões à revelação maravilhosa feita por Tétis a Vasco da Gama e aos seus companheiros de aventuras interessam a diversos planos da epopéia, desde aquele mitológico que a sustenta, ao da cultura renascentista do autor, até aquele outro que conflua na complexa identidade espiritual camonianiana<sup>2</sup>. A máquina do mundo de Camões é um engenho tipicamente renascentista, objetivo, concreto, real, complexo e racional, revelado diretamente à visão dos heróis lusíadas, prontos ao confronto – assim como sempre se demonstravam prontos a “ver” o mundo e as coisas –, mas igualmente capazes de comoção diante da revelação maravilhosa.

A máquina do mundo de Carlos Drummond de Andrade é igualmente um engenho, complexo e maravilhoso, racional e surpreendente, mas um engenho que se revela por si mesmo, sem intermediações.

---

<sup>1</sup> A tópica é já presente em Lucrécio, *De rerum natura* (Livro quinto, vv. 94-96):

“Tris species tam dissimilis, tris talia texta,  
una dies dabit exitio, multosque per annos  
sustentata ruet moles et machina mundi”.

<sup>2</sup> Estes são alguns dos temas que interessam à vasta bibliografia crítica sobre a obra de Camões. Para efeito do presente estudo, cf. a “bibliografia crítica mínima” que a acompanha, e como acréscimo ver Sílvio Castro, “Metáfora do naufrágio e viagem”, in AA. VV., *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, pp. 713-720; e “Naufragio coe metáfora e palinodia” in *Camões, Atti del Convegno di Studi “Naufragi”*, Universidade de Cagliari - Bulzoni, Cagliari - Roma, 1993, pp. 201-212 (com separata).

O poeta surpreendido pela máquina é um ser solitário, ainda que pronto a toda participação e solidariedade. A máquina do mundo quer confrontar-se com a solidão do poeta e levá-lo ao maior conhecimento da verdade. O humanismo solitário do poeta moderno se confronta com a possível revelação e – num máximo de solidão - se nega ao diálogo com a máquina do mundo.

## 2. Textos

### “A Máquina do Mundo”<sup>3</sup>

“E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, e no fecho da tarde um rouco	1
se misturasse ao som de meus sapatos que era pausado e seco; e aves pairassem no céu de chumbo, e suas formas pretas	4
pausadamente se fossem diluindo na escuridão maior, vinda dos montes e de meu próprio ser desenganado,	7
a máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava e só de o ter pensado se carpia	10
Abriu-se magestosa e circumspecta, sem emitir um som que fosse impuro nem um clarão maior que o tolerável	13
pelas pupilas gastas na inspeção contínua e dolorosa no deserto, e pela mente exausta de mentar	16
toda uma realidade se transcende a própria imagem sua debuxada no rosto do mistério, nos abismos.	19
Abriu-se calma pura, e convidando quantos sentidos e intuições restavam a quem de os ter usado os já perdera	22

---

<sup>3</sup> Carlos Drummond de Andrade, “A máquina do mundo”, *Claro enigma*, in *Nova Reunião* (19 livros de poesia), José Olympio-INL, Rio de Janeiro-Brasília, 1983. As citações que fazemos do poema de Drummond no corpo deste trabalho são tomadas desta edição.

e nem desejaria recobrá-los, se em vão e para sempre repetimos os mesmos sem roteiros tristes périplos,	25
convidando-os a todos, em coorte, a se aplicarem sobre o pasto inédito da natureza mítica das coisas,	28
assim me disse, embora voz alguma ou sopro ou eco ou simples percussão atestasse que alguém, sobre a montanha,	31
a outro alguém, noturno e miserável, em colóquio se estava dirigindo: «O que procuraste em ti ou fora de	34
teu ser restrito e nunca se mostrou mesmo afetando dar-se ou se rendendo, e a cada instante mais se retraindo,	37
olha, repara, ausculta: essa riqueza sobrante a toda pérola, ciência sublime e formidável, mas hermética,	40
essa total explicação da vida, esse nexo primeiro e singular, que nem concebes mais, pois tão esquivo	43
se revelou ante a pesquisa ardente em que te consumiste... vê, contempla, abre teu peito para agasalhá-lo.»	46
As mais soberbas pontes e edifícios, o que nas oficinas se elabora, o que pensando foi e logo atinge	49
distância superior ao pensamento, os recursos da terra dominados, e as paixões e os impulsos e os tormentos	52
e tudo o que define o ser terrestre ou se prolonga até aos animais e chega às plantas para se embeber	55
no sono rancoroso dos minérios, dá a volta ao mundo e torna a se engolfar na estranha ordem geométrica de tudo,	58

e o absurdo original e seus enigmas, suas verdades altas mais que todos monumentos erguidos à verdade:	61
e a memória dos deuses e o solene sentimento da morte, que floresce no caule da existência mais gloriosa,	64
tudo se apresentou neste relance e me chamou para seu reino augusto, afinal submetido à vida humana.	67
Mas, como eu refutasse em responder a tal apelo assim maravilhoso, pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,	70
a esperança mais mínima - esse anelo de ver desvanecida a treva espessa que entre os raios do sol inda se filtra;	73
como defuntas crenças convocadas presto e fremente não se produzissem a de novo tingir a neutra face	76
que vou pelos caminhos demonstrando, e como se outro ser, não mais aquele habitante de mim há tantos anos,	79
passasse a comandar a minha vontade que, já de si volúvel, se cerrava semelhante a essas flores reticentes	82
em si mesmas abertas e fechadas: como se um dom tardio já não fora apetecível, antes despiciendo,	85
baixei os olhos, incurioso, lasso, desdenhando colher a coisa oferta que se abria gratuita a meu engenho.	88
A treva mais estrita já pousara sobre a estrada de Minas, pedregosa, e a máquina do mundo, repelida,	91
se foi miudamente recompondo, enquanto eu, avaliando o que perdera, seguia vagaroso, de mãos pensas.	94

75

“Depois que a corporal necessidade  
Se satisfaz do mantimento nobre,  
E na harmonia e doce suavidade  
Viram os altos feitos que descobre,  
Thetis, de graça ornada e gravidade,  
Pera que com mais alta glória dobre  
As festas deste alegre e claro dia,  
Pera o felice Gama assi dizia:

76

- Faz-te mercê barão, a Sapiência  
Suprema de, c’os olhos corporais,  
Veres o que não pode a vã ciência  
Dos errados e míseros mortais.  
Segue-me firme e forte, com prudência,  
Por este monte espesso, tu c’os mais. -  
Assi lhe diz e o guia por um mato  
Arduo, difícil, duro a humano trato.

77

Não andam muito que no erguido cume  
Se acharam, onde um campo se esmaltava  
De esmeraldas, rubis, tais que presume  
A vista que divino chão pisava.  
Aqui um globo vem no ar, que o lume  
Claríssimo por ele penetrava,  
De modo que o seu centro está evidente,  
Como a sua superfície, claramente.

78

Qual a matéria seja não se enxerga,  
Mas enxerga-se bem que está composto  
De vários orbes que a Divina verga  
Compôs, e um centro a todos só tem posto.  
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca se ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto  
Por toda a parte tem; e em toda a parte  
Começa e acaba, em fim, por divina arte;

---

<sup>4</sup> Luís de Camões, *Os Lusíadas* (edição de António José Saraiva), Figueirinhas-Padrão, Porto-Rio de Janeiro, 1978. As nossas citações no presente estudo se referem sempre a esta edição.

79

Uniforme, perfeito, em si sustido,  
Qual, em fim, o Arquetipo que o criou.  
Vendo o Gama este globo, comovido  
De espanto e de desejo ali ficou.  
Diz-lhe a Deusa: - O trasunto, reduzido  
Em pequeno volume, aqui te dou  
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vás e irás e o que desejas.

80

Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assi foi do saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.

81

Este orbe que, primeiro, vai cercando  
Os outros mais pequenos que em si tem,  
Que está com luz tão clara radiando  
Que a vista cega e a mente vil também,  
Empíreo se nomea, onde logrando  
Puras almas estão daquele Bem  
Tamanho, que ele só se entende e alcança,  
De quem não há no mundo semelhança.

82

Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano.  
Só pera fazer versos deleitosos  
Servimos; e, se mais o trato humano  
Nos pode dar, é só que o nome nosso  
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

83

E também porque a Santa Providência,  
Que em Júpiter aqui se representa,  
Por espíritos mil que tem prudência  
Governa o Mundo todo que sustenta.  
Insina-lo a profética ciência,

Em muitos dos exemplos que apresenta:  
Os que são bons, guiando, favorecem,  
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

84

Quer logo aqui a pintura que varia,  
Agora deleitando, ora insinuando,  
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia  
A seus Deuses já dera, fabulando;  
Que os anjos de celeste companhia  
Deuses o sacro verso está chamando;  
Nem nega que esse nome preminente  
Também aos maus se dá, mas falsamente.

85

Em fim que o sumo Deus, que por segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda,  
E tornando a contar-te das profundas  
Obras da mão divina veneranda:  
Debaxo deste círculo onde as mundas  
Almas divinas gozam, que não anda,  
Outro corre, tão leve e tão ligeiro  
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.

86

Com este rapto e grande movimento  
Vão todos os que dentro tem no seio;  
Por obra deste, o Sol, andando a tento,  
O dia e noite faz, com curso alheio.  
Debaxo deste leve, anda outro lento,  
Tão lento e sojugado a duro freio,  
Que enquanto Phebo, de luz nunca escasso,  
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

87

Olha est'outro debaxo, que esmaltado  
De corpos lisos anda e radiantes,  
Que também nele tem curso ordenado  
E nos seus axes correm cintilantes.  
Bem vês como se veste e faz ornado  
C'o largo cinto de ouro, que estelantes  
Animais doze traz afigurados,  
Aposentos de Phebo limitados.



88

Olha por outras partes, a pintura  
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:  
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,  
Andrómeda e seu pai, e o Dragão horrendo.  
Vê de Cassiopea a fermosura  
E do Oriente o gesto turbulento;  
Olha o Cisne morrendo que suspira,  
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

89

Debaxo deste grande Firmamento,  
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;  
Júpiter logo faz o movimento,  
E Marte abaxo, bélico inimigo;  
O claro olho do céu, no quarto assento,  
E Vénus, que os amores traz consigo;  
Mercúrio, de eloquência Soberana,  
Com três rostos, debaxo vai Diana.

90

Em todos estes orbos, diferente  
Curso verás, nuns grave e noutros leve;  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da Terra estão caminho breve.  
Bem como quis o Padre omnipotente,  
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,  
Os quais verás que jazem mais a dentro  
E tem c'o mar a terra por seu centro.”

### 3. Análise

O poema de Drummond, formalmente, é uma homenagem a Dante. O uso de tercetos – forma estrófica referida às *terzine* da *Divina Comédia* - não indica imediatamente a intencional integração do poeta brasileiro com a grande tradição ocidental da “poética da revelação”.

Sendo uma homenagem, não é por isso mesmo adesão irrestrita<sup>5</sup>. Assim, desde o início do poema, Drummond se coloca numa posição oposta à grandíssima religiosidade

---

<sup>5</sup> Sobre as relações possíveis entre o poema de Carlos Drummond de Andrade e a poesia de Dante, cf. Sílvio Castro, “O Canto XXXIII do *Paraíso*, a poética da revelação” e a “Máquina do Mundo” de Carlos Drummond de Andrade, in AA.VV., *Actas do III Congresso da Associação Internacional de Camonistas*, Coimbra, 1992, pp. 617-639.

que preside, em modo particular, o canto XXXIII do *Paraiso*. Dante, através da intensa *preghiera* de São Bernardo – abertura da composição sublime – alcança a intermediação da Virgem Maria para o desejado encontro com a visão divina:

“Vergine madre, figlia del tuo Figlio,  
umile e alta piú che creatura,  
termine fisso d’eterno consiglio,

tu se’colei che l’umana natura  
nobilitasti sì, che ‘l suo Fattore  
non disdegnò di farsi sua fattura.”<sup>6</sup>

Através da intermediação, Dante atinge a revelação da verdade absoluta encontrada na visão. Drummond, ao contrário, assume uma atitude solitária diante da “máquina”, afirmando uma laicidade ativa, solidária e isolada, a um só tempo.

“E como eu palmilhasse vagamente  
uma estrada de Minas pedregosa,  
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos  
que era pausado e seco; e aves pairassem  
no céu de chumbo, e suas formas pretas

pausadamente se fossem diluindo  
na escuridão maior, vinda dos montes  
e de meu próprio ser desenganado,” (vv.1-9)<sup>7</sup>

A forma de pode ser considerada também direta negação das oitavas camonianas. A “citação” formal próxima às *terzine* de Dante – valor poético distante e particularmente significante – funciona, segundo a intenção drummondiana, como elemento positivo

---

<sup>6</sup> Dante, *Paradiso* (ed. de N. Sapegno), La Nuova Itália, Florença, 1965. Em relação à figura de São Bernardo e à intermediação da Virgem Maria, cf. a nota 4 ao texto do estudo de Sílvio Castro acima citado.

<sup>7</sup> A angústia existencial contida no “desengano” drummondiano se alarga no poema “O Relógio do Rosário”, igualmente de *Claro Enigma*. Este poema vem colocado por muitos críticos brasileiros na mesma linha de “A Máquina do Mundo”. Neste sentido veja-se a nota 9 do meu citado ensaio sobre as relações Drummond-Dante. Embora reconhecendo que “O Relógio do Rosário” esteja altamente ligado à tópica da revelação, julgamos que ainda assim não participe ou complete o discurso próprio de “A Máquina do Mundo”. Todavia, vemos nele a exaltação da natureza laica que caracteriza o canto de rebelião do poeta moderno diante do transcendental. Disto é excepcional exemplo a abertura do poema:

“Era tão claro o dia, mas a treva,  
do som baixando, em seu baixar me leva  
pelo âmago de tudo, e no mais fundo  
decifro o choro pânico do mundo,  
que se entrelaça no meu próprio choro,  
e compomos os dois um vasto coro.”

no poema; ao contrário – pode-se concluir – uma ainda que mínima ressonância camoniana o diminuiria. Isto em consequência da jamais atenuada presença da “poeticidade” d’*Os Lusíadas* no ato de criação por parte de todo o poeta de língua portuguesa. Esta “diminuição” age de imediato através do sistema formal próprio do canto camoniano<sup>8</sup>.

A partir desta primeira e não pequena atitude drummondiana em relação a Camões se estabelece o sistema de adesão e repulsão entre “A Máquina do Mundo” e o episódio referente à mesma tópica nos *Lusíadas*, Canto X, com as referências aqui assumidas, entre as estrofes 75 e 90 do mesmo.

A máquina do mundo camoniana é um engenho da cultura renascentista, por isso mesmo concreto e real, complexo e maravilhoso. Sendo o resultado de uma cultura revolucionária, se apresenta completo na sua estrutura tecnológica; mas é ao mesmo tempo síntese de espiritualidade ligada a uma vivida tradição religiosa:

“.....  
Aqui um globo vem no ar, que o lume  
Claríssimo por ele penetrava,  
De modo que o seu centro está evidente,  
Como a sua superfície, claramente.

Qual a matéria seja não se enxerga,  
Mas exerga-se bem que está composto  
De vários orbes, que a Divina verga  
Compôs, e um centro todo só tem posto.  
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca se ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto  
Por toda a parte tem; e em toda a parte  
Começa e acaba, em fim, por divina arte;

Uniforme, perfeito, em si sustido,  
Qual, em fim, o Arquétipo que o criou.”  
(X.77,78.79)

---

<sup>8</sup> A questão da presença dos grandes poetas - como nos casos de Camões e de Carlos Drummond de Andrade - quanto aos atos próprios da criação dos poetas portugueses, brasileiros e daqueles africanos de língua portuguesa, é correspondente à capacidade destes mesmos poetas de criar novos poemas integrados na melhor tradição poética. Assim, quanto mais conscientes dos grandes criadores - e neste sentido Camões se constitui em fenómeno de absoluta excepcionalidade - mais os poetas modernos “negam” os modelos exemplares. Um poema de circunstância de Drummond, em claro tom de “blague” e intitulado “Em a/ agradecimento”, feito em resposta ao ensaio de Silviano Santiago, “Camões e Drummond: a máquina do mundo” (cf. *Bibliografia crítica mínima*, abaixo), assume uma tal posição de absoluta liberdade de criação. O poema drummondiano anti-camoniano - que pode ser visto in *Obra completa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1967 - se abre com os versos

“Cammond & Drumões: Sant’Jago!  
que nunca v/ira os 2 juntos”

Para a presença da tradição camoniana na poesia brasileira, cf. Gilberto Mendonça Teles, *Camões e a poesia brasileira*, Rio de Janeiro-Brasília, 1972.

Logo adiante, na famosa estrofe 80 do Canto, Camões se confronta definitivamente com a “calma pura”, definindo o maravilhoso da criação e a limitação da inteligência do homem em relação à natureza de Deus, presente na sabedoria da Máquina. Tétis a mostra aos olhos de Vasco da Gama e de seus companheiros:

“Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assi foi do saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.”

A máquina do mundo de Camões é «*etérea e elemental*». A de Carlos Drummond de Andrade é «*magestosa e circumspecta*», «*calma pura*» (vv. 13 e 22). Esta tem daquela principalmente o sentido da visão poética; sendo, todavia, mais próxima do maravilhoso humano, enquanto a camoniana tende ao encontro entre o desconcerto humano e o concerto divino.

O confronto dos heróis lusíadas com a máquina do mundo é imediato e consciente, feito daquele “ver” característico do realismo do poema camoniano; realismo que, no dizer de Hernani Cidade, «... faz dele a mais alta expressão daquele excepcional momento em que o homem, emergindo da escolástica e do vago sonho heróico dos romances de cavalaria, olha deslumbradamente o mundo que seu destemido anseio dramático vai avassalando - e sente o valor lírico e épico duma realidade, que é simultaneamente geográfica e humana, de entendimento e convívio»<sup>9</sup>. O grande encontro se desenrola sob a guia da poderosa Tétis, a mais famosa das nereidas, intermediação poética de rara eficácia entre o real e o maravilhoso<sup>10</sup>.

Passada a deleitosa etapa da Ilha dos Amores, Tétis é gentil com o Gama e quer que ele – e mais seus companheiros – veja, por graça da Sapiência Suprema, o que não pode “ver” a vã ciência. Tétis então os guia com amabilidade e premura para a meta culminante, passando, entretanto, pela dificuldade do primeiro caminho

“Arduo, difícil, duro a humano trato.” (76,v.8)

Porém,

“Não andam muito que no erguido cume  
Se acharam, onde um campo se esmaltava

---

<sup>9</sup> H. Cidade, *Lições de cultura e literatura portuguesas*, 7ª ed., 1º vol., Coimbra Editora, Coimbra, 1984, p. 262.

<sup>10</sup> Tétis é uma das divindades primordiais da teogonia helénica. Filha de Urano e Gaia, representa a fecundidade feminina do mar. Esposada com Oceano, um de seus irmãos, dele teve um grande número de filhos, mais de três mil, quantos são os rios do mundo. A residência de Tétis vem geralmente colocada no Ocidente extremo, além da terra das Hespérides, onde, cada noite, o Sol se põe.

De esmeraldas, rubis, tais que presume  
A vista que divino chão pisava.” (77, vv. 1-4)

O poeta solitário da “Máquina do Mundo” de Carlos Drummond de Andrade não é assistido por uma divindade gentil como Tétis. Ele caminha sozinho, solitário e único, palmilhando em modo vago

“uma estrada de Minas, pedregosa,” (v. 2)

O caminhar solitário no entardecer de uma terra também ela maravilhosa e dadivosa de pedras preciosas – as minas gerais – é de silêncio e de ecos que naquele fim da tarde fazem com que tudo - os montes, as colinas, a luz que se disperde, a penumbra que se aproxima – projete o mistério constante da existência humana, no qual tudo se vai diluindo: o bater de um sino rouco, o som pausado e seco de sapatos que caminham, o esvoaçar de aves no céu de chumbo e, mais que tudo, a escuridão maior vinda dos montes e do ser desenganado do caminhante.

Assim, por acaso, no cume da colina de Minas, o poeta se confronta com a máquina do mundo. Verifica-se, então, um encontro silencioso, ainda que, da máquina que se revela – como um mistério –, uma voz se dirija ao poeta surpreso na própria solidão.

O maravilhoso toca o poeta procurado pela máquina e que não a pensava; o mesmo poeta que apenas surpreendido já se esquivava do contacto:

“a máquina do mundo se entreabriu  
para quem de a romper já se esquivava  
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se magestosa e circumspecta,  
sem emitir um som que fosse impuro  
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção  
contínua e dolorosa no deserto,  
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade se transcende  
a própria imagem sua debuxada  
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se calma pura, e convidando  
quantos sentidos e intuições restavam  
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,  
se em vão e para sempre repetimos  
os mesmos sem roteiros tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,  
a se aplicarem sobre o pasto inédito  
da natureza mítica das coisas,” (vv. 10-30)

A máquina do mundo procura cativar o poeta solitário que, embora preso da sua solidão, não é indiferente à maravilha do engenho e de suas revelações. Essas tocam o ser profundo – agora um alguém, nocturno e miserável – que vive orgulhosamente em desassossego, ressoando em forma de pura espiritualidade:

“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,  
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,  
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta essa riqueza  
sobrante a toda pérola, ciência  
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,  
esse nexos primeiro e singular,  
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo.» (vv. 36-49)

A máquina do mundo drummondiana, no seu discurso direto e só por ela desejado, muitas vezes se aproxima da máquina camoniana, principalmente no desejo de levar o homem à salvação através da revelação. Porém, ao contrário do engenho renascentista, aquele moderno, de certa maneira, exalta a heroicidade da solidão do homem, mas o convida a ver como é pouca a sua ciência diante de tudo que pode ser revelado. Convida o solitário que não sabe mais encontrar explicação para a existência, consumido que foi na pesquisa impossível. Humanizada, a máquina incita o homem a abrir o peito para receber a visão total das coisas. Mas, enquanto a máquina camoniana se mostra sem obstáculo à visão que beatifica, levando o concerto da verdade ao desconcerto humano, aquela da estrada de Minas fala para o homem só, capaz de ver todas as possíveis maravilhas da revelação: as magnificências do mundo, o pensado que supera o próprio pensamento, o domínio das coisas, das paixões, dos tormentos, tudo que define o ser humano e que chega às plantas para se embeber

“no sono rancoroso dos minérios,” (v. 58)

Tudo é instantaneamente visto, sempre do ponto de vista da angústia, tudo

“e o absurdo original e seus enigmas,  
suas verdades altas mais que todos  
monumentos erguidos à verdade:

e a memória dos deuses, e o solene  
sentimento da morte, que floresce  
no caule da existência mais gloriosa,” (vv.61-66)

A máquina do mundo drummondiana vive dramaticamente estas revelações, assim como dramaticamente as recebe o solitário. O desassossego condiciona, momentaneamente, o concerto; e mais que revelar, a máquina da antiga beatitude agora espera por uma revelação.

O canto drummondiano, nascido da mais coerente modernidade laica, não mais orgulhosa como sempre em confronto com o concerto visto e conhecido, se distancia quase definitivamente do modelo da máquina do mundo renascentista. Diante da maravilha, reluta. Sente-se incapaz de certezas, abrandada a fé e a mais mínima forma de esperança.

Então, reconhecendo em si mesmo um outro ser diferente de um possível primordial, e sendo comandado por ele, o ser solitário abaixa os olhos da máquina do mundo, lasso, sem qualquer curiosidade

“desdenhando colher a coisa oferta  
que se abria gratuita a meu engenho.”

O ser solitário realiza a escolha contra a máquina e contra qualquer revelação. Mais do que nunca, ele caminha sem a sua Tétis, vendo a máquina repelida que se vai e avaliando o que perdera. O homem caminha de mãos pensas e orgulhoso de sua solidão.

Como já afirmamos algures, «em “A máquina do mundo”, *Carlos Drummond de Andrade* coloca toda a intensidade do seu espírito crítico e da sua modernidade, fazendo com que a tópica da revelação atinja uma nova conotação na longa tradição lírica ocidental e dando à poesia de língua portuguesa um dos momentos de mais intensa criação poética»<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Sílvio Castro, “O Canto XXXIII do *Paraiso*, a poética da revelação e a “Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade” ed. cit., p. 639.